

Em busca do entendimento

MARY LEAL

NOVA DIRETORIA DO SINPRO QUER SENTAR NA MESA DE NEGOCIAÇÕES COM O GOVERNADOR JOAQUIM RORIZ

ANA SÁ

Os professores do Distrito Federal estão preparando um novo discurso para se entender com o GDF. A nova diretoria colegiada do Sinpro, que acaba de ser eleita e toma posse dia 14 de julho, vai buscar uma aproximação com o Palácio do Buriti. "Vamos sentar na mesa para conversar; cabe ao governador Joaquim Roriz defender os interesses dele, e a nós, como sindicalistas, buscar o melhor para a categoria", anunciou ontem o professor de Geografia do Centro de Ensino Fundamental GAN (Ginásio da Asa Norte) Antônio Lisboa, que deve ocupar uma importante diretoria no Sindicato. "Vamos unir a categoria, abrir o sindicato para a sociedade e fazer alianças em defesa da educação", enfatizou.

"O nosso sindicato, que sempre se relacionou bem com setores sociais de Brasília — estudantes, entidades de classe, sejam elas patronais ou de trabalhadores e igrejas — passou a se isolar nos últimos anos, fazendo com que quando os professores decretavam greve ou numa campanha salarial fossem tratados como inimigos", argumentou.

Lisboa criticou a atual diretoria por fazer, segundo ele, uma política de divisão, de de calúnia e intolerância. "Quem divergia deles, era vaiado, caluniado; eles chegaram a expulsar oito diretores", lembrou. Mas agora, acentuou, "a categoria deu um basta nesse tipo de intolerância". Ele citou, a propósito, que desde a posse do governador Joaquim Roriz a diretoria do Sinpro não foi recebida pelo governador nem pela secretária Eurides Brito. "Eles não foram recebidos porque são fracos e incompetentes. Para ser combativo não é pelo número de gritos que se dá nas assembleias ou pelo número de vezes que a gente xinga o governo ou ainda pelas vaias que damos nos colegas", disse.

Para ser combativo, ainda segundo o futuro diretor do Sinpro, "é preciso organizar, ouvir os professores, ser

tolerantes, conviver com as divergências, conseguir unir os professores independentes".

Lisboa afirma que o Sinpro vai buscar uma relação de entendimento com o GDF.

"Queremos que o governo tenha uma relação de respeito pelo sindicato e pelos professores", diz. "Eu já fiz parte da diretoria do Sinpro em uma época que esse governo estava no poder e, independente das divergências que tínhamos — e continuaremos a ter porque temos posições ideológicas diferentes — nós conseguimos sentar na mesa de negociações. Nessas ocasiões o governador defende a posição do governo e a gente, claro, a da categoria".

► "Lutaremos por um acordo. Roriz defende os interesses do GDF; nós, os da categoria"



LISBOA, que vai ocupar uma diretoria no Sinpro, quer o sindicato aberto para a sociedade

Pato, derrotado, sai atirando

Na eleição para o Sinpro, que se encerrou na madrugada de sábado, os professores rejeitaram os grupos mais sectários de esquerda. O PSTU e a tendência do PT à qual pertencem os diretores Marcos Pato e Rejane Pitanga foram os grandes derrotados. A chapa vencedora — com 6.403 votos, o que representa 48,64% —, é integrada por quatro tendências do Partido dos Trabalhadores: Articulação na Luta (dos deputados Geraldo Magela e Lúcia Carvalho), Aliança PT (Chico Floresta), PT Movimento (Arlete Sampaio), além do PCdoB (Agnelo Queiroz) e do PCB.

Mas para o professor Marcos Pato, diretor do Sin-

pro nas duas últimas gestões e um dos principais representantes da chapa 1, que ficou apenas com o terceiro lugar (1.504 votos) a categoria perde a autonomia. Segundo ele, quem ganhou as eleições foi "um condomínio de partidos políticos". Em toda história do Sinpro, esta foi a chapa mais heterogênea de todas elas, o que dificulta a união da categoria com tantos grupos contraditórios, avalia Pato.

Para Pato, quem ganha com a nova diretoria é o governador Joaquim Roriz em função da luta interna que será travada pela atual diretoria. "Será uma diretoria fragilizada. Se eles não são capazes de se unir em torno de

um candidato a governador, imagine unir uma categoria em torno de uma diretoria que, na verdade, é uma frente partidária", ironiza.

Quem mudou o discurso, na opinião de Pato, foram os professores que hoje integram e apóiam a nova diretoria. "Na época do governo Cristovam eles eram contra greve e diziam que o nosso salário era o maior do País". Marcos Pato citou os nomes da deputada Lúcia Carvalho (ex-presidente da Câmara Legislativa), deputado Wasny de Roure, Márcio Baiocchi (ex-secretário de governo responsável pelas negociações com os sindicatos) e Jarcy Braga (ex-diretor da Fundação Educacional). (A.S.)